

ÓBVIO ULULANTE: A TRAJETÓRIA DE UM PROGRAMA SOBRE FUTEBOL EM UMA RÁDIO UNIVERSITÁRIA¹

Marina de Mattos Dantas

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Luiza Aguiar dos Anjos

Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Esse ensaio tem como objetivo analisar a trajetória de oito anos do Óbvio Ululante, programa sobre futebol veiculado na Rádio UFMG Educativa. Apresentamos, primeiramente, nosso entendimento acerca dos princípios que devem nortear a atuação de uma rádio universitária, que balizam também a produção do programa em questão, seguidos de uma descrição sobre a presença do futebol na mídia radiofônica. Analisamos, então, a experiência do Óbvio Ululante, dando ênfase às mudanças, explicadas a partir das reflexões e posicionamentos que as motivaram. Destaca-se a maior atenção dada aos “infames do futebol”, aqueles clubes, grupos e agentes do futebol com menor espaço na agenda midiática das grandes redes de comunicação.

Palavras-chave: Futebol. Rádio. Mídia.

ÓBVIO ULULANTE: THE TRAJECTORY OF A PROGRAM ABOUT SOCCER ON A UNIVERSITY RADIO

Abstract

This text aims to analyze the trajectory of Óbvio Ululante, a soccer program running at Radio UFMG Educativa. We present first, our understanding of the principles that guides the actions of a university radio, which also guides the production of the program in question, followed by a description about the presence of football over the radio. We then analyze the experience of Óbvio Ululante, emphasizing the changes, explained from the reflections and positions that motivated them. There is a greater attention given to the "infamous of soccer", those clubs, groups and agents of soccer with less space in the media agenda of large communication networks.

Keywords: Soccer. Radio. Media.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

ÓBVIO ULULANTE: LA TRAYECTORIA DE UN PROGRAMA SOBRE FÚTBOL EN UNA RADIO UNIVERSITARIA

Resumen

Este ensayo pretende analizar la trayectoria de los ocho años de Óbvio Ululante, programa sobre fútbol que se ejecutan en la Radio UFMG Educativa. En primer lugar, presentamos nuestra comprensión de los principios que deben guiar las acciones de una radio universitaria, que guían la producción del programa en cuestión, seguida por una descripción acerca de la presencia del fútbol en los medios de comunicación por radio. Tenemos, entonces, la experiencia de Óbvio Ululante, haciendo énfasis en los cambios, explicados por las reflexiones y posiciones que los motivaron. Hay una mayor atención a cuestión de los "infames del fútbol", los clubes, grupos y agentes de fútbol con menos espacio en la agenda de los medios de grandes redes de comunicación.

Palabras clave: Fútbol. Radio. Media.

Introdução

No dia 20 de maio de 2010, foi ao ar pela primeira vez o programa Óbvio Ululante, primeiro programa da Rádio UFMG Educativa² a tratar especificamente de futebol. Desde então, o programa mantém-se com veiculação semanal, alcançando em 2017 sua oitava temporada.

Participando desse percurso integrando a equipe de produção e apresentação, vivenciamos o desafio de dar conta da proposta tão indefinida quanto necessária de realizar algo diferente das emissoras comerciais. Ao longo desses oito anos, testamos formatos e conteúdos, e avaliações a cada temporada nos permitiram trabalhar a ideia de “fazer diferente”.

Esse ensaio tem como objetivo analisar essa trajetória, refletindo não apenas acerca do produto que veiculamos, mas também sobre as condições e processos que permitiram e motivaram sua constituição e as perspectivas políticas que o apoiam.

Para isso, em um primeiro momento do texto, traçamos um breve histórico sobre as rádios educativas e universitárias e quais conceitos as norteiam. Posteriormente, falamos um pouco sobre a presença do futebol no rádio e, em seguida, apresentamos o Programa Óbvio Ululante e as principais mudanças na sua produção até o ano de 2017, oito anos após a sua estreia, expondo reflexões sobre esse processo.

Educação no rádio: as rádios educativas e as rádios universitárias

O fato do programa Óbvio Ululante ser veiculado na Rádio UFMG Educativa não é irrelevante ou ocasional. Criado como ação de extensão universitária, o desenho e o conteúdo do programa visaram, desde sua origem, respeitar os princípios que uma emissora universitária deve atender.

Em termos legais, uma rádio universitária é uma das configurações possíveis de uma rádio educativa³, emissoras fruto de concessões oferecidas a instituições diversas –

² A Rádio UFMG Educativa surgiu em 2005 como fruto de uma parceria entre a UFMG e a Empresa Brasil de Comunicação. A emissora pode ser sintonizada na frequência 104,5FM ou através da internet pelo site eletrônico <www.ufmg.br/radio>.

³ Na legislação, uma emissora de rádio pode ser classificada como educativa, comercial ou comunitária. As fun-

universidades, fundações ligadas a empresas privadas, governos federal, estadual ou municipal – para implementação de serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens com objetivo exclusivo de produção educativa⁴ (CARMO-ROLDÃO, 2006).

Apesar das rádios educativas, hoje, representarem uma minoria no total de emissoras em funcionamento no país, cabe destacar que intenções educativas estiveram presentes desde os primórdios desse meio de comunicação. Notório exemplo disso é o caso da Rádio Sociedade, reconhecida como a primeira emissora nacional, que apresentava como objetivo a democratização da informação de forma barata, rápida e eficaz, que possibilitasse educar toda a população (MASSARANI, 1998; ORTRIWANO, 1985). Outras rádios similares vieram a ser criadas e foi apenas a partir de meados da década de 1930 que as emissoras adquiriram um caráter mais popular (MELLO, 2005). Ainda assim, iniciativas como o Universidade no Ar (década de 1940), o Movimento Educação de Base (década de 1960) e o Projeto Minerva (década de 1970) são exemplos de como o rádio continuou a ser explorado para fins educacionais (CARMO-ROLDÃO, 2006).

Cabe ressaltar que tal investimento na educação através do rádio não se deu por acaso. O rádio e a imprensa foram instrumentos privilegiados de estímulo do patriotismo nos anos 1930, uma vez que fortemente controladas pelo Estado. Assim, a educação oferecida nessas emissoras emergentes se insere em um projeto de formação do cidadão brasileiro, mais ilustrado e que pudesse adequadamente compor essa nação que queria se fazer moderna. Da mesma maneira, os esportes, sobretudo o futebol, eram apropriados como mecanismo na formação de uma identidade nacional (DRUMOND, 2009).

Na legislação atual, são reconhecidos como programas educativo-culturais aqueles que atuam junto aos sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, ou ainda aqueles que contemplam ações de divulgação educacional, cultural, pedagógica ou orientação profissional (BRASIL, 1999). Como previamente mencionado, as emissoras educativas devem dedicar-se integralmente a tais programações, e não devem ter fins lucrativos. Sabe-se, contudo, que muitas emissoras educativas reproduzem o que é feito nas rádios comerciais, assim como emissoras funcionando sem concessão podem ser caracterizadas como educativas, pelo conteúdo que veiculam. Nesse sentido, concordamos com Carmo-Roldão (2006) que a conceituação de uma rádio educativa não deve ter como referência apenas a forma de concessão, mas principalmente a sua programação⁵.

Para alcançar o formato, o conteúdo e a programação que forjem seu caráter educativo, acreditamos que uma emissora deve: oferecer uma programação variada, de modo a atender um público diverso e contribuir na democratização de múltiplos e diferentes saberes; contribuir para a educação não formal, oferecendo programas não apenas informativos, mas que estimulem a reflexão; valorizar questões regionais (acontecimentos, problemas sociais, tradições culturais); dar visibilidade para as diferentes formas de expressão artística. Ademais, a perspectiva educacional pode (e deve) atravessar toda a programação, afetando, de

ções e particularidades de uma rádio universitária não são apontadas no Código Brasileiro de Telecomunicações, limitando-se a enquadrá-las como rádios educativas, apesar delas representarem 40% da rede de radiodifusão educativa do país (CARMO-ROLDÃO, 2006). As funções de uma emissora universitária apontadas ao longo do texto são, dessa maneira, reflexões a partir da literatura acadêmica que trata do tema, e não apontamentos a partir de determinações legais.

Não há menção específica às rádios universitárias que, por suas características, se inserem no primeiro grupo. Carmo-Roldão (2006) destaca que elas representam cerca de 40% da rede de radiodifusão educativa do país.

⁴ A outorgas de concessões, permissões e autorizações é regulamentada pela Portaria Interministerial nº651, de 1999.

⁵ A inspeção do cumprimento das normas relativas a questões técnicas – como limites de potência, local de instalação da antena, por exemplo – e a respeito ao caráter educativo do conteúdo veiculado, são de responsabilidade da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações. Não é interesse desse trabalho, discutir a competência da Anatel na fiscalização de tais diretrizes e determinações.

diferentes modos, programas musicais, jornalísticos e culturais (CARMO-ROLDÃO, 2006). Tais esforços possibilitam que a rádio educativa concretize seu interesse público, considerando o ouvinte um cidadão e não apenas um consumidor, seu grande diferencial perante as rádios comerciais (BARBEIRO; LIMA, 2003).

Uma rádio universitária, por sua vez, além de primar pelos princípios educativos já mencionados, ao nosso ver, apresentam duas outras demandas. A primeira é a de funcionar como laboratório aos estudantes, sobretudo do curso de Comunicação, servindo de espaço de experimentação no processo produtivo e na formação do “saber fazer” (DEUS, 2003), além de concretizar-se como espaço de reflexão acadêmica sobre a prática profissional. Nessa tarefa, é fundamental que os estudantes estejam acompanhados de profissionais que os orientem, tendo em vista tanto a formação profissional desses alunos quanto a qualidade do conteúdo a ser veiculado (MELLO, 2005). A segunda demanda é a difusão do conhecimento científico produzido na universidade, estabelecendo-se como um canal de comunicação entre essa instituição e a sociedade, permitindo que o público não acadêmico também usufrua do que ali é gestado (DEUS, 2003; MELLO, 2005).

São sobre essas bases que a equipe de produção busca alicerçar os princípios educativos que norteiam o Óbvio Ululante.

O futebol no rádio

Há evidências de que o futebol era tematizado no rádio, no Brasil, desde os seus primórdios, na década de 1920, quando eram apenas noticiados resumos dos jogos, ainda não transmitidos integralmente (SILVA; MEDEIROS, 2007). A primeira transmissão ao vivo de uma partida completa, segundo Soares (1994) e Ortriwano (1985), foi feita por Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista, em 1931. Nessa época, tanto o rádio quanto o futebol, estavam em processo de profissionalização e popularização, se distanciando do caráter elitista que detinham em seu momento de chegada ao país (SOARES, 1994). Em 1938, a Copa do Mundo da França ficou marcada como a primeira transmissão diretamente da Europa (ORTRIWANO, 2000). Já na década de 1940, surge a primeira emissora com conteúdo exclusivamente esportivo, a chamada Emissora dos Esportes, na qual o futebol possuía destaque (ORTRIWANO, 1985). Para Soares (1994, p. 17), “o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e em um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa”.

Guerra (2002, p. 2) afirma que o encontro do futebol com a narração esportiva foi “a celebração de dois grandes espetáculos”. Isso porque, por meio da narração, são ampliadas as possibilidades de vivência do esporte dentro e fora dos estádios. O autor defende que, a partir dessa união, a oralidade se incorporou à experiência esportiva, perpetuando-se até os dias atuais.

Anjos (2011) destaca o fato das transmissões futebolísticas no rádio não terem se extinguido, apesar do surgimento e popularização da televisão, como ocorreu com as radionovelas e radioteatros, por exemplo. As transmissões radiofônicas de jogos parecem justificar sua existência não mais pela impossibilidade de assistir a uma partida, algo menos recorrente na atualidade, mas pela emoção que produzem, por uma relação afetiva que constroem junto aos ouvintes.

Na ausência de imagens os acompanhando, os locutores de futebol do rádio desenvolveram um estilo bastante particular em que cada lance parece oferecer perigo ao goleiro, em que há apelidos para jogadores e jargões entoados em momentos específicos, como uma bola chutada muito longe da meta, um erro de passe ou, claro, um gol. Esse estilo aprimorado se tornou típico das locuções

radiofônicas e pode ser considerada parte dos atrativos de suas transmissões (ANJOS, 2011, p. 106).

Nos programas de comentários, por sua vez, informação e opinião são valorizados em um contexto que, não raro, se destaca pela informalidade, fazendo o ouvinte se sentir em uma roda de conversa entre amigos.

Vieira e Silva (2014) destacam ainda a importância do rádio no acompanhamento de clubes locais que possuam menor expressão em nível nacional ou regional. Os autores mencionam três rádios da cidade de Mossoró (RN) – uma FM e duas AM – que divulgam e realizam transmissões das partidas das equipes da cidade, Baraúnas e Potiguar, jogos que dificilmente são veiculados na televisão. No caso das emissoras AM, os clubes ainda são acompanhados por repórteres setoristas que informam suas notícias diariamente em programas esportivos que contam, também, com a participação de torcedores desses clubes.

Apesar da relação entre rádio e futebol, e mais genericamente entre as diversas mídias e esse esporte, trazer elementos que se apresentam como motivo de celebração, há autores que também oferecem um outro olhar sobre o tema.

Criticando a midiática e mercantilização do esporte, Eco (1984) afirma que os discursos sobre essas práticas, chamados por ele de **falação esportiva**, e os discursos sobre esses discursos, se tornaram a essência do esporte atual, deixando a vivência em segundo plano. O autor, então, diz que:

Se por uma diabólica maquinação do governo mexicano e do senador Brundage, aliados com as cadeias de televisão do mundo inteiro, as Olimpíadas não acontecessem, mas fossem contadas dia a dia e de hora em hora com imagens fictícias, nada mudaria no sistema esportivo internacional, nem os que falam de esporte se sentiriam logrados. (ECO, 1984, p. 223-224)

Nessa direção, Betti (1998) descreve a **falação esportiva** como o discurso que se restringe a informar e atualizar (gols, contratações, vida dos atletas), a contar histórias (melhores momentos), a fazer previsões, a explicar e justificar (vitórias e derrotas, escolhas), a prometer (emoções, gols), a criar polêmicas e construir rivalidades, a criticar, a eleger ídolos e dramatizar.

As críticas de Eco, contudo, parecem não reconhecer possibilidades outras ao esporte e à mídia esportiva. Buscando criticar tal visão, Marques (2002) dá luz às ideias de uma série de autores de forma a evidenciar, também, a importância do futebol enquanto fenômeno social no qual o homem brasileiro se coloca em contato permanente com seu mundo, sendo uma importante fonte de sua identidade. Assim, para o autor, o futebol não pode ser analisado unicamente por aspectos ligados à sua mercantilização e midiática.

Apesar de compartilharmos de muitas das críticas construídas por Eco (1984), assumimos uma postura de enfrentamento quanto às possibilidades de concretização de modos de comunicação esportiva que se apresentem como uma alternativa à mídia tradicional que privilegia a falação esportiva. Acreditamos que as emissoras universitárias são espaços privilegiados para essas novas formas de comunicação.

Evidência de tal possibilidade é a portaria que normatiza as rádios educativas na qual versa que “Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais, se neles estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados em sua apresentação” (BRASIL, 1999, *on-line*).

Na Rádio UFMG Educativa, o interesse em abordar o esporte de forma alternativa (e educativa) ocorreu logo no ano de fundação da emissora, em 2005, com o programa Bumerangue, que tratava de esportes pouco contemplados nas mídias tradicionais, com o

intuito de dar visibilidade a essas modalidades, em parte, ignoradas. Em 2007, a emissora cobriu os Jogos Pan-Americanos e, desde então, vêm cobrindo os principais megaeventos esportivos, também priorizando esportes menos difundidos. É apenas em 2009 que o futebol aparece com algum destaque, com uma coluna semanal no programa diário Expresso 104.5. E, finalmente, em 2010, por meio do Óbvio Ululante, o futebol ganha um programa semanal na emissora.

A criação do Óbvio Ululante

O Programa Óbvio Ululante foi ao ar pela primeira vez em 2010, mas surgiu como projeto ainda em 2009, a partir de um convite da Rádio UFMG Educativa ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) para a produção de um programa sobre futebol na emissora. O GEFuT havia sido criado em 2006 com o objetivo de pensar no futebol e o torcer a partir das perspectivas das ciências humanas e sociais, abarcando temas como torcidas organizadas, relações de gênero, violência, Estatuto de Defesa do Torcedor, história do torcer em Belo Horizonte, futebol amador etc⁶. O convite foi prontamente aceito, tendo em vista que a proposta se apresentava como oportunidade de ampliar os espaços de visibilidade do grupo e suas pesquisas, além de poder se constituir como um local no qual poderiam dialogar com um público não acadêmico (ANJOS, 2010).

A Rádio UFMG Educativa, por sua vez, foi fundada em 2005, por meio de uma parceria entre a UFMG e a Empresa Brasil de Telecomunicação. A emissora apresenta uma programação diversificada, incluindo programas jornalísticos, musicais e educativos. Ela é dividida em dois núcleos, o de jornalismo e o de produção. O núcleo de jornalismo é formado por professores e alunos exclusivamente da área de Comunicação e, como o próprio nome diz, é responsável pela cobertura jornalística da rádio. O núcleo de produção, por sua vez, é onde os programas de conteúdos mais diversificados, numa lógica mais cultural e menos factual, são criados. Há programas produzidos apenas por alunos e professores da Comunicação e outros que se encaixam no que é chamado de sistema de colaboração. Nesse sistema, no qual o Óbvio Ululante se enquadra, pessoas ou grupos podem propor a realização de um programa. Se a proposta vier ao encontro dos objetivos e interesses da Rádio, ela dispõe de sua estrutura e orientação para colocar o projeto em prática. Por meio desse sistema, professores e grupos de estudos e pesquisas vinculados às mais variadas áreas do conhecimento produzem programas na emissora, como, por exemplo, “Toque de Poesia”, da Faculdade de Letras, “Que música é essa”, da Escola de Música, “Prosa de Bicho”, da Escola de Veterinária e “Pensar Educação, Pensar o Brasil” da Faculdade de Educação. Tais programas colaborativos ocorrem, assim, na perspectiva de uma comunicação pública da ciência, entendendo que “a divulgação de ciência e tecnologia, não deve ser apenas responsabilidade de jornalistas, mas também dos pesquisadores que devem estar comprometidos com a realidade na qual estão inseridos” (MELLO, 2005, p. 5).

A maioria dos programas advindos do modelo colaborativo tratam de temas pouco comuns em rádios comerciais, diferente do caso do Óbvio Ululante. Nesse caso, tratava-se de criar uma perspectiva diferente para um tema recorrente. Para o então coordenador executivo da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos, a parceria com o GEFuT na produção do programa foi justamente a forma que a emissora encontrou para construir um modo alternativo de abordar o futebol na emissora, o que ele entendia ser fundamental para tratar desse esporte⁷ (ANJOS; SOUZA, 2011).

⁶ O grupo é composto por professores, estudantes de graduação e pós-graduação, graduados, mestres e doutores, que para além de suas competências individuais, têm em comum a paixão pelo futebol. Para saber mais sobre o GEFuT acesse: www.gefut.com.br.

⁷ Em entrevista para Anjos e Souza (2011, p.8) ele diz “Será que vale a pena a gente fazer o mesmo tipo de co-

Anjos (2010) conta que aqueles envolvidos com a construção do desenho inicial do Óbvio Ululante definiram como meta produzir um programa que fosse ao mesmo tempo crítico e atrativo mesmo aos mais desconfiados, àqueles que vivem o mundo do futebol, mas estão pouco dispostos a refletir sobre ele e a questioná-lo. Tendo como slogan a premissa de que “no futebol nada é tão óbvio assim”, defendia-se que o futebol tem muito a ser pensado, debatido, problematizado.

A estreia do programa ocorreu em maio de 2010, e sua primeira configuração incluía quadros de três tipos.

Um primeiro de caráter mais emocional, que inclui histórias pessoais contadas por quem as viveu e também crônicas e poesias sobre o esporte. Um segundo voltado à história e tradição do futebol, relatando momentos marcantes e descrevendo personalidades e espaços célebres do universo futebolístico. O terceiro tem caráter mais argumentativo e factual, incluindo entrevistas, debates e discussões sobre assuntos que estão em voga (ANJOS, 2010, p. 4).

Ao longo dos oito anos de sua existência, o Óbvio Ululante sofreu uma série de transformações: mudamos o dia e o horário da transmissão; o programa passou a ser transmitido ao vivo; alguns quadros foram extintos, outros foram criados; tivemos trocas de âncoras e dos integrantes do GEFuT que fazem parte da equipe do programa. As maiores modificações, contudo, dizem respeito ao conteúdo. Nesse sentido, no próximo item, avaliando os oito anos de veiculação do programa, descrevemos o seu desenho até o ano de 2017 e apresentamos algumas questões que norteiam sua produção.

Óbvio Ululante: mudanças e avaliações oito anos após a estreia

Apesar da proposta original do Óbvio Ululante se manter, durante o seu fazer e após autoavaliações frequentes, algumas mudanças foram sensíveis durante esses oito anos de programa.

Algumas dessas alterações foram frutos do amadurecimento do GEFuT como grupo de pesquisa. Quando o programa foi criado, o GEFuT tinha um perfil jovem, que incluía, além de seu coordenador, apenas estudantes de graduação e mestrandos da área da Educação Física. Durante esses anos, o grupo adquiriu uma característica interdisciplinar, com pesquisadores de outras áreas do conhecimento passando (e alguns permanecendo) pelo coletivo. Além disso, o coletivo foi se tornando mais experiente, incluindo também doutorandos, doutores e pós-doutorandos.

Ademais, o número de pesquisas concluídas e em andamento relacionadas ao futebol e/ou ao torcer aumentou, fornecendo mais elementos para a produção dos quadros que se conectam de maneira direta com a experiência dos pesquisadores envolvidos na produção do programa.

Também contribui nesse processo a ampliação da equipe de produção de conteúdo, que até 2017 contava com onze pesquisadores do grupo, além de um jornalista vinculado a Rádio UFMG Educativa. Mais do que a possibilidade de dividir as tarefas, essa equipe ampliada traz ao programa uma maior pluralidade de olhares, pontos de vista, trajetórias pessoais e profissionais. Esses integrantes estão, ainda, envolvidos em pesquisas individuais e coletivas, que fornecem subsídio às discussões feitas ao vivo.

Atualmente, a maioria dos pesquisadores que compõem a equipe do programa participam de sua produção há mais de dois anos. Tendo em vista a formação desses sujeitos

bertura que as outras estão fazendo? Não é interessante em termos de linha de programação fazer a mesma coisa”.

(pesquisadores de temas relacionados ao futebol formados em Educação Física e Psicologia), esse tempo foi fundamental para a aquisição de uma experiência no ofício da comunicação no rádio e do processo de comunicação pública da ciência.

Sobre os quadros, todos aqueles criados nos anos iniciais do programa permanecem. A esse escopo, cinco novos quadros foram acrescentados à programação. Se somam a eles, discussões sobre acontecimentos da semana e entrevistas, cujo tempo e regularidade variou ao longo dos anos de veiculação do programa⁸.

Entre os quadros mais antigos, temos o 1900 e Bolinha que traz algum acontecimento antigo relacionado ao futebol, não restringindo a episódios de sua “história oficial”, geralmente retratado a partir de alguma notícia de jornal antiga. Temos também o De Onde Vem, com as proveniências possíveis de palavras e jargões utilizados no universo futebolístico. O Futebol e Arte engloba resenhas de obras da literatura, do cinema, da música e de outras artes que tematizam o futebol. Ainda nessa série, o Meu Time de Botão traz a análise de equipes que marcaram uma geração, um momento ou a uma pessoa. O Perfil traz algumas informações sobre um personagem, um clube ou instituição ligada ao esporte. No Meu Gol de Placa, um torcedor (que pode ser um ouvinte ou comentarista do programa) narra um gol que marcou a sua vida. O Causos de Futebol é destinado às anedotas, lendas e outras histórias. E, por último dessa primeira geração de quadros, a Frase da Semana, dita, escrita ou profetizada por quem entende (ou não) de futebol.

A nova geração de quadros é composta pelo Momento Taffareel, que, na mesma linha do Meu Gol de Placa, faz referência a defesas marcantes protagonizadas pelos goleiros. O Estádios pelo Mundo traz dados e histórias sobre esse equipamento de lazer e suas curiosidades. A Dica Ululante indica *sites*, eventos e vídeos sobre futebol, privilegiando os acadêmicos, os literários e os políticos. O Pelada Acadêmica consiste em uma breve resenha sobre artigos, teses e dissertações que abordem o futebol sobre o âmbito das ciências humanas e sociais. Por último dessa série, temos as Reflexões Ululantes que são quadros que expressam opinião sobre algum aspecto do futebol.

Mais do que ampliar a possibilidade de quadros, o programa segue atento à qualidade, à criatividade e à diversidade em relação aos temas tratados.

Tendo isso em vista, no ano de 2013, começamos a pensar em diminuir o espaço reservado ao noticiário e comentários voltados aos três times mineiros de maior expressão midiática para abrir espaço no programa para mais conteúdos de clubes e agentes do futebol (jogadores e jogadoras, outros profissionais do meio, torcedores, etc.) que têm menos espaço na mídia convencional. Nossa intenção é trazer para a Rádio UFMG os infames do futebol, as “existências destinadas a passar sem deixar rastro” (FOUCAULT, 2012, p. 203) senão pelo encontro com o poder, evitando discursos retóricos e assumindo a impossibilidade do lugar de neutralidade na comunicação.

Pensando no espaço de invisibilidade que as mulheres ainda ocupam no futebol, (seja como jogadoras, árbitras, dirigentes ou em outras atividades ligadas ao esporte), em 2015, foi elaborado um quadro reservado ao futebol jogado por elas – denominado Mulheres em Campo –, que passou a figurar mensalmente na programação. Esse foi o primeiro passo para a ampliação da presença das temáticas relacionadas às mulheres no Óbvio Ululante que, com o tempo, foram deixando de se restringir ao quadro e ganharam espaço em meio ao restante da programação. Assim, ao invés de nos limitarmos a falar sobre as mulheres no Mulheres em Campo, passamos a fazer perfis de jogadoras, tratar de memórias de grandes lances, jogos e equipes do futebol de mulheres, falar sobre artigos escritos por elas, entrevistar mulheres

⁸ Atualmente, o programa é composto por 3 blocos. Contando com dois quadros por programa, além de entrevistas e duas colunas: o *Hat-Trick*, que aborda três acontecimentos da semana relacionados ao mundo da bola; e o Mulheres em Campo, que traz notícias sobre o futebol jogado por mulheres.

(atletas, jornalistas, árbitros, etc.) com maior frequência do que fazíamos nos anos iniciais do programa.

Também buscamos equilibrar os assuntos mais relacionados às pesquisas do grupo com os que se impõem pela agenda da mídia hegemônica, nos quais entendemos que podemos oferecer uma discussão crítica condizente com nossos propósitos e tentando, na medida da duração de uma hora de programa, trazer mais questões, problemas relacionados ao universo do futebol do que simples interrogações.

Vemos essa diferenciação, entre questões e interrogações, no verbete Q de Questão do Abecedário de Deleuze (DELEUZE; PARNET, 2017, p. 66):

CP: Qual é a diferença entre uma pergunta na mídia e uma pergunta em filosofia?
GD: É difícil dizer... Na mídia, na maior parte do tempo e nas conversas correntes, não há questões, não há problemas. Há interrogações. Se eu digo “Como vai você?”, isso não é um problema, mesmo se você estiver mal. Se eu digo “Que horas são?”, isso não é um problema.

Deleuze comentava que os jornais já não dizem nada e que se aprende cada vez menos com eles. A proposta do Óbvio Ululante é ir ao contrário. É o exercício de transformar as interrogações do jornalismo esportivo em questões.

Dessa maneira, diminuimos a parte dos comentários sobre partidas, embora as noticiemos, para dar mais peso e valor ao que foge ao óbvio em termos de jornalismo esportivo. Passamos, assim, a praticar mais a proposta de não seguir a agenda da grande mídia ou abordá-la com outro olhar, exercitando a discussão qualitativa das pautas: sobre o que falar? Por que falar? Quando falar e também quando silenciar-se sobre algum tema que a agenda da mídia hegemônica traga apenas como sensacionalismo? Avaliamos que, eventualmente, abordar certos temas pode promover propaganda maior que o que temos a acrescentar sobre ele.

Se por um lado o esforço é sair das interrogações para as questões, por outro, o desafio é trazer essas questões para um público não acostumado à linguagem acadêmica. É trazer questões elaboradas pela universidade para o cotidiano do estudante e do trabalhador ouvintes.

Ao encontro dessa proposta, com o intuito de ampliar a articulação de saberes entre a universidade e a comunidade proporcionadas pelo programa, em 2016 foi desenvolvido um projeto de extensão junto a escolas que propunha participações dos estudantes no Óbvio Ululante. Alunos de duas escolas de Ensino Médio (uma federal e outra estadual) participaram de oficinas elaboradas pelo GEFuT, abordando temas como a relação entre futebol e história, gênero, violência, profissão e outros. A partir dessas oficinas, eles produziam quadros e participavam ao vivo do programa. Tal ação contribuía, dessa maneira, para a participação efetiva de pessoas da comunidade na construção de saber sobre futebol, para além dos aspectos técnicos e táticos, mas como elemento cultural e de transformação social.

Considerações finais

Como programa de uma rádio universitária, o Óbvio Ululante encontra liberdade e facilidade para tratar certos temas e a partir de abordagens alternativas, sem censura e sem se preocupar com questões mercadológicas, pois o ouvinte, para nós, não se resume a um consumidor. Essa situação, por outro lado, lhe impõe o dever de exercer sua condição de veículo de comunicação educativo com a tarefa de servir de ponte entre universidade e comunidade local.

É também por fugir de uma concepção mercadológica de futebol que o programa consegue afirmar diferenças, fugindo da falação esportiva e de concepções utilitaristas de educação.

Acreditamos que falar sobre futebol é falar também sobre a sociedade no qual esse futebol é praticado, e é sobre essas relações que tratamos em nossos quadros. Falar disso é, então, também um caminho para refletir como se vive e que relações estabelecemos nessa sociedade.

Nessa linha, o Óbvio Ululante contribui para reconhecer, produzir e estimular outros e novos modos de olhar, pensar, analisar e viver o futebol.

As modificações ocorridas em oito anos de programa apontam para o amadurecimento do GEFuT nas pesquisas, no ensino e na extensão, o que nos fornece subsídios para, também em seu programa de rádio, ir cada vez mais na direção das diferenças, de abordar temáticas infames nesse esporte que é o mais famoso no Brasil, se estabelecendo como uma ponte entre a produção universitária e o saber popular, buscando cada vez mais fazer isso a partir da interatividade e da interseção entre diversas temáticas de interesse social.

Referências

ANJOS, L. A. Óbvio Ululante: falando de futebol no rádio. In: Congresso Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 3, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2010, v. 1, p. 1-6.

ANJOS, L. A. Reflexões sobre o futebol nas ondas do rádio. **Rádio-Leituras**, Ouro Preto, v. 2, n. 1, jan./jul. 2011.

ANJOS, L. A.; SOUZA, T. C. O futebol nas ondas do rádio: a experiência da Rádio UFMG Educativa. In: Seminário Futebol nas Gerais, 1, 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: GEFuT, 2011, v. 1, p. 1-13.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Radiojornalismo**: Produção, Ética e Internet. São Paulo: Editora Campus, 2003.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 7, n. 17, set. 2001.

BRASIL. **Portaria interministerial n° 651**, de 15 de abril de 1999. Diário Oficial, Brasília, 19 abr. 1999. p. 19. Disponível em: <http://www2.mcti.gov.br/index.php?option=com_mtree&task=att_download&link_id=127&cf_id=24>. Acesso em: 08 abr. 2017.

CARMO-ROLDÃO, I. C. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006, v. 1, p. 1-15.

DELEUZE, G.; PARNERT, C. **O abecedário de Giles Deleuze**. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

DEUS, S. F. B. Rádios das Universidades Federais: função pública e compromisso laboratorial. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003, v. 1, p. 1-14.

DRUMOND, M. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, jul./dez. 2009.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: Estratégia, Poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 201-222. v.4.

GUERRA, M. O. A persistência da oralidade no futebol: o afeto do torcedor pela transmissão radiofônica de uma partida. **Lumina**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2002.

MARQUES, J. C. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e aspecto mítico do futebol). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002, v. 1, p. 1-22.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MELLO, V. P. Em busca de uma política de programação diferenciada e de qualidade: o desafio para as rádios universitárias. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005, v. 1, p. 1-10.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, G. S. França 1938, III Copa do mundo. O rádio brasileiro estava lá. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-copa1938.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

SILVA, G. L. P.; MEDEIROS, T. A. R. M. Radiojornalismo Esportivo: Juventude e Experiência nas Transmissões Esportivas da Rádio Universidade de Santa Maria – 800 AM. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 8, 2007, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, v. 1, p. 1-13.

SOARES, E. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

VIEIRA, A. L. M.; SILVA, F. J. M. O Papel do Rádio na Divulgação do Futebol Local. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 16, 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, v. 1, p. 1-1.

.....

Recebido em: 28/08/2017

Revisado em: 24/07/2018

Aprovado em: 06/08/2018

Endereço para correspondência:

marinamattos@gmail.com

Marina de Mattos Dantas

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Pres. Antônio Carlos, 6627

Pampulha,

31270-901- Belo Horizonte - MG, Brasil